

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE ATLETAS EM CONTEXTOS DE FORMAÇÃO DESPORTIVA: DESENVOLVIMENTO DE UM GUIÃO DE ENTREVISTA PARA CRIANÇAS E JOVENS

A. Rui Gomes & José F. Cruz

Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Braga. Portugal

Resumo: O estudo acerca da experiência das crianças e jovens em contextos de iniciação e formação desportiva pode ser beneficiada pela utilização de metodologias qualitativas. Mais especificamente, a utilização de entrevistas tende a facilitar um entendimento mais completo e profundo acerca das áreas e factores que se relacionam com os ambientes desportivos positivos e que promovem o desenvolvimento pessoal e desportivo dos atletas. Nesta lógica de estudo, o presente trabalho propõe um guião de entrevista dirigido aos profissionais e investigadores interessados em analisar o modo como as crianças e jovens avaliam a actividade desportiva. Neste sentido, a Entrevista de Avaliação Psicológica para Crianças e Jovens inclui questões distribuídas por cinco partes distintas: i) identificação pessoal, desportiva e familiar do atleta; ii) clube, modalidade e treinador; iii) experiência desportiva e percepção de competência; iv) apoio familiar; e v) stresse e percepção de ameaça.

Palavras-chave: Formação Desportiva, Psicologia Desporto

Introdução

A necessidade de participação em actividades desportivas tem vindo a ser cada vez mais incentivada junto da população em geral, existindo diversas oportunidades de envolvimento ao longo das várias etapas do desenvolvimento humano, variando obviamente o tipo de objectivos e “exigências” que são propostas aos participantes.

Uma dessas etapas remete para a inserção de crianças e jovens em actividades de iniciação e formação desportiva. Neste caso, interessa analisar o modo como os mais novos respondem às experiências desportivas que lhes são oferecidas, observando-se não só a forma como está organizada a competição e os próprios clubes, mas também o tipo de reacções e comportamentos que os atletas apresentam nessas situações. De um modo geral, defende-se que esta integração deve permitir aos jovens o seu desenvolvimento pessoal e desportivo, representando sinais deste crescimento a possibilidade de poderem competir e jogar como os outros colegas de equipa, o envolvimento no estabelecimento dos seus objectivos e, principalmente, os sentimentos positivos experienciados na actividade desportiva

(Gomes, 1997; Martens, 1996; Martens, Christina, Harvey, & Sharkey, 1981; Orlick & Zitzelsberger, 1996).

A análise das experiências e transformações que acontecem na formação desportiva adquire particular interesse pelo facto de ocorrerem mudanças significativas na infância e na adolescência ao nível do funcionamento cognitivo, emocional, físico, social e ético/moral (Brustad, 1998). É neste sentido que Weiss e Bredemeier (1983) salientam a importância da utilização de uma perspectiva desenvolvimental no estudo das crianças e jovens no desporto, observando-se as alterações do ponto de vista cognitivo e a evolução das capacidades desportivas que nos possam ajudar a compreender as diferenças de maturação envolvidas nos comportamentos apresentados pelos atletas.

No entanto, a compreensão do impacto das experiências desportivas no desenvolvimento das crianças e jovens, implica também a construção de metodologias de avaliação que sejam adaptadas para estas idades, não se devendo partir do princípio que os instrumentos disponíveis para os adultos são adequados e transferíveis para outras faixas etárias.

Deste ponto de vista, torna-se fundamental desenvolver medidas de análise que sejam sensíveis às estruturas e processos cognitivos envolvidos nas várias áreas do desenvolvimento a partir da infância até ao final da adolescência. Como refere Coakley (1986), a forma como as crianças encaram a competição é diferente do modo como é percebida pelos adolescentes, sendo por isso necessário que os instrumentos de avaliação sejam sensíveis a este tipo de especificidades. Por outro lado, é essencial que a abordagem utilizada pelo investigador ou profissional a trabalhar nestas idades seja baseada em metodologias simples, compreensíveis e adaptadas à capacidade de entendimento das crianças e jovens, devendo-se ter cuidado com a terminologia e complexidade técnica inerente às ferramentas de avaliação aplicadas.

Tendo em consideração este tipo de aspectos, os investigadores nesta área têm vindo a desenvolver um conjunto significativo de instrumentos, principalmente de carácter quantitativo, avaliando-se diversas áreas do funcionamento dos jovens atletas, desde a percepção de competência, o auto-conceito psicológico e físico, a orientação motivacional, a percepção de sucesso, a ansiedade, etc. (ver Brustad, 1998, para uma revisão das várias metodologias). Numa análise mais detalhada destes estudos, resulta a constatação das poucas propostas centradas no estudo da experiência desportiva das crianças e jovens a partir de metodologias qualitativas, nomeadamente, as entrevistas. A esta lacuna acresce o facto de poder ser inviável e irrealista a aplicação de testes e questionários às crianças com menos de 9 ou 10 anos, uma vez que a sua capacidade de leitura e escrita está ainda em desenvolvimento, podendo o resultado do preenchimento dos instrumentos ser condicionado por variáveis que não aquelas que interessam ao profissional.

É devido a este tipo de condicionantes que propomos um guião de entrevista dirigido a crianças e jovens desportistas, procurando-se disponibilizar uma ferramenta de trabalho para

os investigadores e profissionais do desporto dedicados a esta área de intervenção. Além disso, a utilização deste tipo de metodologia tem a vantagem adicional de permitir uma recolha de informações mais completa e aprofundada acerca do funcionamento das pessoas entrevistadas. Neste sentido, partilhamos da opinião de Phares (1992) ao considerar a entrevista como um método que permite uma interacção planeada e deliberada entre, pelo menos, duas pessoas, visando obter informações acerca de um ou mais temas do interesse do profissional que utiliza este método de avaliação. De facto, um dos aspectos que melhor caracteriza a utilização da entrevista é a possibilidade de se estabelecer uma relação directa entre o entrevistado e o entrevistador, existindo uma contribuição (e influência) de ambas as partes para a construção da informação final. Neste sentido, a ênfase e interesse pelas respostas individuais do entrevistado torna a entrevista um processo ideográfico que visa entender a pessoa como um todo, em termos da sua experiência e modo como percebe uma dada realidade (Vealey & Garner-Holman, 1998).

Por estas razões, e pelas já referidas limitações das metodologias quantitativas, consideramos o desenvolvimento de guiões de entrevista particularmente adequado para compreendermos melhor os factores que podem influenciar a adaptação das crianças e jovens aos contextos de iniciação e formação desportiva.

Pressupostos e modelos subjacentes ao desenvolvimento da entrevista

O guião de entrevista é uma ferramenta de trabalho dirigida ao profissional de psicologia a intervir em contextos de formação desportiva, ajudando-o a recolher informações sobre o atleta que possam, por um lado, clarificar a forma como a criança ou jovem está a vivenciar a actividade desportiva e, por outro, levantar e formular hipóteses de intervenção posteriores.

Assim, são cinco as áreas exploradas ao longo da entrevista: i) informações pessoais e desportivas; ii) avaliação do clube, modalidade e treinador; iii) experiência desportiva e percepção de competência; iv) percepção de apoio familiar; e v) stresse e percepção de ameaça.

A primeira secção procura recolher indicações sobre o atleta e respectiva família, sendo de realçar a necessidade de compreender o percurso desportivo do jovem, em termos de anos de prática, carreira desportiva, competições e resultados obtidos. Além disso, propõe-se uma recolha de dados acerca da idade dos pais, formação académica e profissão.

A segunda parte do guião sugere uma avaliação acerca do clube, da modalidade e do treinador. Neste caso, o entrevistador procura observar as condições externas que envolvem a actividade desportiva do atleta. Assim sendo, são propostos cinco temas de exploração,

nomeadamente, a forma como a criança ou o jovem teve conhecimento acerca do clube, aquilo que mais e menos prefere nos treinos, nos jogos/competições e no próprio treinador.

Começando pelo modo como a criança ou jovem entrou para o clube, as implicações da recolha de informações nesta área prendem-se com a possibilidade do entrevistador poder ter uma ideia mais concreta sobre o impacto social do clube em causa na comunidade envolvente, analisando-se o(s) factor(es) que influenciaram a entrada do(s) atleta(s) nesse local de prática desportiva. Assim, o entrevistador poderá distinguir situações mais associadas à influência directa que é exercida sobre o atleta pelas pessoas significativas (ex: incentivo dos familiares e amigos), o prestígio e divulgação social da organização desportiva (ex: conhecimento pela comunicação social, ouvir falar do nome do clube, etc.), até estratégias mais intencionais promovidas pelo próprio clube na captação de atletas para os escalões de formação desportiva (ex: convite do clube e/ou treinador). Se o profissional estiver a utilizar o guião de um modo mais alargado com os atletas que frequentam os vários escalões de formação, poderá ter, com a utilização desta parte da entrevista, uma ideia mais concreta acerca da eficácia das estratégias de divulgação, recrutamento e selecção utilizadas, ajudando, caso seja necessário, a redefinir a política seguida pelo clube neste domínio.

No que respeita à avaliação dos aspectos preferidos pelos atletas nos treinos, jogos/competições e no treinador, o entrevistador deve procurar analisar o modo como o atleta percebe os factores envolventes à sua experiência desportiva, manifestados em termos dos possíveis benefícios e problemas que encontra em cada uma destas áreas. Neste caso, são vários os autores a alertar para o facto da simples participação das crianças e jovens em contextos desportivos organizados não implicar automaticamente vantagens em termos físicos, psicológicos, da saúde, etc. (ver Petitpas, Cornelius, Van Raalte, & Jones, 2005; Smith & Smoll, 1997). Para que as consequências positivas ocorram, é necessário observar como está organizada a actividade desportiva, possibilitando ou não o desenvolvimento das crianças e jovens nalguns dos seguintes domínios: i) aprendizagem e melhoria de competências específicas da modalidade praticada; ii) melhoria da forma física; iii) aprendizagem de técnicas e métodos dirigidos não só à melhoria do rendimento desportivo mas também da própria saúde; iv) valorização de estilos de vida caracterizados pela prática regular do desporto e do exercício físico; v) desenvolvimento de uma auto-imagem realista e positiva; vi) respeito pelas regras e normas enquanto meios facilitadores da aprendizagem e do “fair play”; vii) oportunidade para o divertimento e convívio com outras pessoas; e, por último, viii) desenvolvimento de competências positivas ao nível pessoal, social e psicológico, nomeadamente, em termos da auto-estima, da autodisciplina, do trabalho em equipa, da formulação de objectivos e da capacidade de auto-controle (Brown, 1992). Neste sentido, as respostas dos jovens às questões relacionadas com o que mais e menos preferem no clube, nos treinos, nos torneios/competições e no próprio treinador, fornecem indicações ao entrevistador acerca da possível ocorrência de benefícios na prática desportiva que é proporcionada pelo clube e pelo escalão desportivo em que os praticantes se encontram.

O terceiro domínio do guião de entrevista (experiência desportiva e percepção de competência) inicia-se com duas questões acerca do modo como o atleta avalia os treinos e jogos/competições, averiguando-se se essas situações estão a ser uma fonte de prazer e divertimento. Tal como referem Scanlan e Simons (1992), é fundamental que a actividade desportiva dirigida a crianças e jovens respeite o princípio do divertimento, promovendo e estimulando afectos positivos, como o prazer, a atracção e o gozo. Este aspecto é particularmente importante, uma vez que os estudos acerca das razões e motivos que os jovens atletas enunciam para a participação desportiva se prenderem precisamente com a possibilidade de se sentirem bem nessa actividade (ver Cruz, 1996; Matos, 1997; Scanlan & Lewthwaite, 1986; Scanlan, Stein & Ravizza, 1989).

As duas questões que se seguem no guião de entrevista procuram recolher indicadores sobre os níveis de competência (“como achas que és nesta modalidade”) e orientação motivacional assumida pela criança ou jovem no desporto (“queres ser melhor que os teus colegas de equipa ou isso não importa?”). Tal como referem Horn e Harris (1996) e Martens (1996), é fundamental que as experiências desportivas reforcem os sentimentos de bem-estar e dignidade pessoal dos atletas, uma vez que todos nós temos a necessidade de nos sentirmos competentes e experienciarmos sucesso nas diversas actividades que realizamos. Este pressuposto é particularmente importante nas crianças e jovens, uma vez que estas dimensões encontram-se ainda em desenvolvimento, representando o desporto um contexto gerador de diversas fontes de informação que podem acabar por condicionar os sentimentos de competência pessoal. São os casos, por exemplo, da aprendizagem de capacidades técnicas e táticas, da melhoria da condição física e, obviamente, da obtenção de bons resultados desportivos que, no seu conjunto, funcionam como indicadores comparativos do rendimento do atleta ou equipa relativamente a um determinado adversário. Assim, podemos admitir que as experiências de sucesso e de bom desempenho, em qualquer uma destas áreas, podem contribuir positivamente para a promoção do sentimento de realização pessoal e motivação nos atletas, enquanto que as más experiências poderão provocar um sentimento de frustração e incompetência pessoal relativamente à actividade física. De igual modo, e tendo em consideração a literatura no domínio da orientação motivacional no desporto, deve-se prestar particular atenção à relevância atribuída pelo atleta à comparação das suas capacidades desportivas com os colegas de equipa e à vontade em ser melhor que os outros (ver Cruz, 1996; Weinberg & Gould, 2003). Neste caso, o entrevistador procurará analisar as relações existentes entre, por um lado, as experiências desportivas e o modo como é entendida a competição no clube (e.g., maior ou menor valorização dos resultados desportivos) e, por outro lado, a maior ou menor tendência da criança ou jovem para a comparação com os outros (e.g., querer ou não ser melhor que os colegas).

Quando a actividade desportiva não reforça os sentimentos de competência pessoal e a motivação dos atletas, podem surgir um conjunto de problemas e consequências negativas.

Em termos gerais, os autores têm vindo a realçar a possibilidade das crianças e jovens não desenvolverem, como seria de esperar, as suas competências psicológicas, evidenciando menores níveis de auto-estima, menor capacidade para lidar com as pressões naturais da competição e tenderem a assumir mais comportamentos desajustados e agressivos perante os adversários (ver Lemyre, Roberts, & Ommundsen, 2002; Martens, 1980, 1987; Martens et al., 1981; Ommundsen, Roberts, Lemyre, & Treasure, 2003). A conjugação destes factores pode originar o “stresse competitivo”, que apresenta como causas mais frequentes a exposição a avaliações desfavoráveis por parte dos outros acerca da forma como o jovem atleta está a “render” na competição, os sentimentos de incapacidade e fracasso desportivo e as lesões ou medo de sofrer novas lesões (Brown, 1992, Gomes, 1997; Heellstedt, 1988; Passer, 1996). Em situações limite, o resultado deste “desajustamento” entre aquilo que as crianças e os jovens procuram no desporto e aquilo que lhes é efectivamente oferecido, pode acabar por conduzir ao sentimento de incompetência pessoal e à sensação de que o desporto não é uma actividade adequada para elas, existindo indicações de alguns estudos que apresentam a desistência da actividade desportiva como uma consequência possível e frequente (ver Gould, 1993; Martens, 1980; Cruz, 1996; Matos & Cruz, 1997).

A quarta secção da entrevista aborda a percepção dos atletas acerca do apoio que recebem por parte da família à prática desportiva. A razão da sua inclusão na entrevista prende-se com o papel que os pais ou outros significativos representam na forma como a criança ou jovem se avalia a si próprio, não só como atleta mas também como pessoa. Como refere Brustad (1996), os pais ou outros significativos assumem um papel importante no desenvolvimento dos sentimentos de competência e do auto-conceito nos atletas. Este nível de influência sente-se muitas vezes na forte correspondência entre as avaliações que os pais fazem acerca das capacidades dos filhos e a percepção de competência pessoal que estes desenvolvem (McCullagh, Matzkanin, Shaw, & Maldonado, 1993). De facto, e como assinala Harter (1988), as crianças com níveis mais elevados de auto-estima, quando comparadas com os colegas com menores níveis nesta dimensão psicológica, tendem a distinguir-se pelo facto de receberem maior apoio social por parte das pessoas significativas. Apesar de existirem investigações que reforçam este lado positivo da influência parental (ver Brustad, 1988; Scanlan & Lewthwait, 1986; Ommundsen & Vaglum, 1991), a verdade é que também devemos considerar os estudos que evidenciam os efeitos da excessiva pressão parental sobre os maiores níveis de stresse, ansiedade e “burnout” nos atletas jovens (ver Brustad, 1988, 1996; Coakley, 1992; Lewthwait & Scanlan, 1989; Passer, 1983; Scanlan & Lewthwaite, 1984; Smith, 1986).

A diferença entre o lado positivo e negativo da influência parental faz-se sentir no tipo de relação que é estabelecida entre pais e filhos, sendo a qualidade destas interacções que vai determinar as reacções afectivas e emocionais das crianças e jovens face à experiência desportiva (Brustad, 1996; Gomes, 1997, 2001).

Tendo por base estas indicações, o guião de entrevista propõe uma análise de quatro grandes domínios da relação entre pais e filhos (e.g., apoio à prática desportiva, acompanhamento desportivo, interesse pela actividade desportiva e influência técnica), indo assim de encontro a alguns resultados de estudos nesta área que reforçam estas dimensões comportamentais como fundamentais para a compreensão da influência parental (ver Lee & MacLean, 1997; Gomes & Zão, no prelo; Silva, 2006; Wuerth, Lee & Alfermann, 2004).

A última parte da entrevista recolhe informações relacionadas com as potenciais fontes de stresse e ameaça associadas à prática desportiva, explorando os sentimentos do atleta nos seguintes domínios: i) situações de baixo desempenho desportivo; ii) avaliação das reacções dos pais, amigos e treinador quando o rendimento é negativo ou abaixo do esperado; iii) confronto com a possibilidade de sofrer lesões; e iv) possível existência de outros aspectos geradores de mal-estar e pressão. Uma vez mais, e como já foi referido anteriormente, a influência exercida por cada uma destas áreas pode ter consequências positivas na experiência desportiva das crianças e jovens, reforçando o sentimento de competência e os níveis de prazer na prática desportiva, mas também podem exercer um efeito negativo, diminuindo o interesse pelo desporto e aumentando o sentimento de incapacidade enquanto atletas. Tal como referem Weinberg e Gould (2003), os aspectos relacionados com a metodologia do treino e o próprio treinador, a pressão parental, as lesões e a sobrecarga de treinos são alguns dos factores de risco associados ao esgotamento dos atletas em formação desportiva.

Aspectos práticos e metodológicos subjacentes à utilização do guião de entrevista

A organização da entrevista pelas cinco secções descritas anteriormente propõe uma distribuição sequencial das questões, incluindo questões mais “abertas” (ex: “como te sentes quando falhas ou cometes erros nos treinos e competições?”) e outras mais “fechadas” (ex: “comparando o teu pai e a tua mãe, qual deles te dá mais conselhos acerca de como deves treinar?”). Deste ponto de vista, o guião aproxima-se das entrevistas semi-estruturadas (Flick, 1998), pois apesar dos temas em debate com o atleta estarem bem estabelecidos, existe margem de liberdade para o entrevistador explorar, o mais detalhadamente possível, aquilo que é referido pelos entrevistados (ex: “o que mais e menos gostas no clube?”). No entanto, outras secções do guião caracterizam-se pela maior organização e estruturação, indicando-se previamente as possíveis categorias de resposta e o sistema de codificação das informações recolhidas (ver Fontana & Frey, 1994; Kerlinger, 1986), representando um bom exemplo desta situação a secção quatro relativa à avaliação do apoio familiar.

A formulação das questões e a aplicação do guião

O desenvolvimento das questões incluídas na entrevista procuram abordar os temas de interesse relacionados com o envolvimento de crianças e jovens em contextos desportivos organizados e atender a um conjunto de directivas enunciadas por diversos autores (ver Foddy, 1996; Kerlinger, 1986). Mais concretamente, procurou-se formular as questões de uma forma clara e objectiva, prestando-se particular atenção à não inclusão de perguntas com duplo sentido ou com algum tipo de ambiguidade. Em termos da condução da entrevista, elaboraram-se questões que não facilitem a sugestão das respostas por parte do entrevistador nem a indução de deseabilidade social nos entrevistados. Paralelamente, procurou-se utilizar uma linguagem simples e de acordo com o quadro de referência dos participantes.

Como forma de se obter uma determinada lógica e consistência na condução da entrevista, é importante que o entrevistador mantenha a ordem das questões a abordar em cada uma das secções da entrevista, evitando o mais possível a formulação de convicções pessoais na discussão dos assuntos bem como a elaboração de interpretações face às respostas ou ideias dos entrevistados. Isto significa que a sua atitude deverá ser fundamentalmente centrada nos comportamentos verbais e não-verbais facilitadores do relacionamento interpessoal e promotores de um ambiente adequado à expressão das opiniões pelos participantes (Olabuénaga, 2003). Paralelamente, se o profissional pretender realizar mais do que uma entrevista, é importante cumprir alguns critérios básicos de uniformidade na utilização do guião, formulando as questões de acordo com o modelo sugerido e garantindo situações de aplicação similares, através da sua realização em locais próprios, onde a confidencialidade e a privacidade estejam asseguradas (Valles, 1999). Neste caso, deve-se procurar garantir que os adultos não estejam presentes na realização da entrevista, uma vez que a criança ou jovem será questionada sobre o relacionamento que mantém com algumas figuras importantes da sua vida pessoal e desportiva (e.g., pais e treinador). Além destes aspectos, é igualmente fundamental que o entrevistador analise se o guião proposto se adequa à modalidade e atleta em causa, antecipando situações ou exemplos desportivos que melhor poderão ajudar a compreender as questões colocadas (ex: no futebol pode ser mais adequado dizer “ter um jogo” enquanto que na natação fará mais sentido dizer “ter uma prova”). Por último, o entrevistador deverá planear 20 a 30 minutos por entrevista a realizar, evitando, nos casos de entrevistas múltiplas, situações de espera por parte dos outros atletas.

Já na situação de entrevista, propriamente dita, com a criança ou jovem, o entrevistador deverá esclarecer os seguintes aspectos antes de formular as questões: i) especificar o âmbito do trabalho (ex: realização de uma investigação, intervenção, etc.); ii) apresentar os objectivos da entrevista (ex: “analisar a forma como os atletas avaliam, sentem e vivenciam o desporto que praticam”); iii) explicar a natureza confidencial e anónima da recolha das informações, a forma como será efectuado o tratamento e divulgação dos dados, procurando fazer estes

esclarecimentos numa linguagem suficientemente compreensível para estas faixas etárias; iv) salientar a possibilidade do atleta poder colocar dúvidas sempre que não entender bem as questões efectuadas.

Realizados estes procedimentos prévios, dá-se início à entrevista. Tal como foi referido, o guião é constituído por cinco partes distintas (incluindo a parte relativa às informações demográficas do atleta e respectiva família), com um total de 28 questões que abordam os temas apresentados anteriormente. A parte final deste trabalho apresenta uma descrição completa do guião.

No final da entrevista, o entrevistador deverá reforçar a possibilidade do atleta acrescentar informações relevantes ou que não tenha mencionado durante a sua realização.

Conclusão

É importante realçar a preocupação existente da nossa parte em tentar incluir o maior número possível de fontes de informação relevantes acerca da actividade desportiva das crianças e jovens. No entanto, será o conhecimento prévio do entrevistador acerca das especificidades evidenciadas pelo praticante e pela própria modalidade, que melhor poderão decidir quais as áreas a explorar e a "ignorar". Em termos práticos, isto significa que nem todos os domínios podem ser objecto de análise, decorrendo da avaliação que o entrevistador faz da problemática apresentada pelo atleta.

Deste modo, introduz-se uma maior flexibilidade no uso do guião de entrevista, procurando-se torná-lo o mais adaptado às diferentes situações com que se depara o profissional de psicologia a intervir em contextos desportivos.

Independentemente do tipo de utilização que o profissional faz do guião proposto, é essencial o domínio acerca dos conceitos e áreas fundamentais envolvidas na integração de crianças e jovens em contextos de iniciação e formação desportiva, podendo, através das informações recolhidas, ajudar a promover ambientes desportivos facilitadores da manutenção a longo prazo das crianças e jovens no desporto, seja como futuros atletas de alto rendimento ou como adultos praticantes de exercício físico.

Referências

Brown, E.W. (1992). *Youth soccer: A complete handbook*. Michigan State University: Cooper Publishing Group.

- Brustad, R.J. (1988). Affective outcomes in competitive youth sport: The influence of intrapersonal and socialization factors. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 10, 307-321.
- Brustad, R.J. (1996). Parental and peer influence on children's psychological development through sport. In F. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and youth in sport. A Biopsychosocial perspective* (pp. 112-124). Dubuque, IA: Brown & Benchmark Publishers.
- Brustad, R.J. (1998). Developmental considerations in sport and exercise psychology measurement. In J. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 461-470). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Coakley, J. (1986). When should children begin competing? A sociological perspective. In M. R. Weiss & D. Gould (Eds.), *Sport for children and youths* (pp. 59-63). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Coakley, J. (1992). Burnout among adolescent athletes. A personal failure or social problem? *Sociology of Sport Journal*, 9, 271-285.
- Cruz, J.F. (1996). Motivação para a competição e prática desportiva. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 305-319). Braga: SHO-Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Flick, U. (1998). *An introduction to qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.
- Fontana, A., & Frey, J.H. (1994). Interviewing: The art of science. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gomes, A.R. (1997). Aspectos psicológicos da iniciação e formação desportiva: O papel dos pais. In J. F. Cruz, & A. R. Gomes (Eds), *Psicologia aplicada ao desporto e actividade física: Teoria, investigação e intervenção* (pp. 291-319). Braga: APPORT (Associação dos Psicólogos Portugueses) - Universidade do Minho. Disponível em [Available at] <http://hdl.handle.net/1822/5337>
- Gomes, A.R. (2001). A promoção da comunicação entre treinadores e pais na iniciação e formação desportiva de crianças e jovens. *Treino Desportivo*, 1, 30-37. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/4417>
- Gomes, A.R., & Zão, D.V. (no prelo). Envolvimento parental e orientação motivacional na prática desportiva: Desenvolvimento de instrumentos de avaliação e análise das percepções de pais e atletas. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*.

- Gould, D. (1993). Intensive sport participation and the prepubescent athlete: Competitive stress and burnout. In B. R. Cahill & A. J. Pearl (Eds.), *Intensive participation in children's sports* (pp. 19-38). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Harter, S. (1988). Causes, correlates and the functional role of global self-worth: A life-span perspective. In J. Kolligan & R. Sternberg (Eds.), *Perceptions of competence and incompetence across the life-span* (pp. 67-98). New Haven, Ct: Yale University Press.
- Hellstedt, J.C. (1988). Kids, parents, and sports: Some questions and answers. *The Physician and Sports Medicine*, 16, 59-72.
- Horn, T.S., & Harris, A. (1996). Perceived competence in young athletes: Research findings and recommendations for coaches and parents. In F. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and youth in sport. A Biopsychosocial perspective* (pp. 309-329). Dubeque, IA: Brown & Benchmark Publishers.
- Kerlinger, F.N (1986). *Foundations of behavioral research* (3rd Ed.). New York: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Lee, M.J., & MacLean, S. (1997). Sources of parental pressure among age group swimmers. *European Journal of Physical Education*, 2, 167-177.
- Lemyre, P.N., Roberts, G.C., & Ommundsen, Y. (2002). Achievement goal orientations, perceived ability, and sportpersonship in youth soccer. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 120-136.
- Lewthwaite, R., & Scanlan, T.K. (1989). Predictors of competitive trait anxiety in male youth sport participants. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, 21, 221-229.
- Martens, R. (1980). The uniqueness of the young athlete: Psychological considerations. *American Journal of Sports Medicine*, 8, 382-385.
- Martens, R. (1987). *Coaches guide to sport psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Martens, R. (1996). Turning kids on the physical activity for a lifetime. *Quest*, 48, 303-310.
- Martens, R., Christina, R., Harvey, J., & Sharkey, B. (1981). *Coaching young athletes*. Champaign IL: Human Kinetics.
- Matos, M.F. (1997). *Motivação no desporto: Motivos para prática e razões para o abandono do desporto escolar*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Matos, M.F., & Cruz, J.F. (1997). Desporto escolar: Motivação para a prática e razões para o abandono. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 2, 459-490.
- McCullagh, P., Matzkanin, K., Shaw, S., & Maldonado, M. (1993). Motivation for participation in physical activity: A comparison of parent-children perceived competencies and participation motives. *Pediatric Exercise Science*, 5, 224-233.

- Olabuénaga, J.I. (2003). *Metodología de la investigación cualitativa* (3ª Ed.). Bilbao: Universidad de Deusto.
- Ommundsen, Y., Roberts, G.C., Lemyre, P.N., & Treasure, D. (2003). Perceived motivational climate in male youth soccer: Relations to social-moral functioning, sportpersonship and team norm perceptions. *Psychology of Sport & Exercise*, 4, 397-413.
- Ommundsen, Y., & Vaglum, P. (1991). Soccer competition anxiety and enjoyment in young boy players: The influence of perceived competence and significant other's emotional involvement. *International Journal of Sport Psychology*, 22, 35-49.
- Orlick, T.D., & Zitzelsberger, L. (1996). Enhancing children's sport experiences. In F. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and youth in sport. A Biopsychosocial perspective* (pp. 330-337). Dubeque, IA: Brown & Benchmark Publisher.
- Passer, M.W. (1983). Fear of failure, fear of evaluation, perceived competence and self-esteem in competitive trait anxious children. *Journal of Sport Psychology*, 5, 172-188.
- Passer, M.W. (1996). At what age are children ready to compete? Some psychological considerations. In F. Smoll & R. Smith (Eds.), *Children and youth in sport. A Biopsychosocial perspective* (pp. 73-86). Dubeque, IA: Brown & Benchmark Publishers.
- Petitpas, A.J, Cornelius, A.E., Van Raalte, J.L., & Jones, T. (2005). A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. *The Sport Psychologist*, 19, 63-80.
- Phares, E.J. (1992). *Clinical psychology: Concepts, methods and profession* (4th Ed.). Belmont, CA: Brooks/Cole.
- Scanlan, T.K., & Lewthwait, R. (1984). Social psychological aspects of competition for male youth sport participants: Predictors of competitive stress. *Journal of Sport Psychology*, 6, 208-226.
- Scanlan, T.K., & Lewthwait, R. (1986). Social psychological aspects of competition for male youth sport participants: Predictors of enjoyment. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 11, 65-83.
- Scanlan, T.K., & Simons, J. (1992). The construct of sport enjoyment. In G. C. Roberts (Eds.), *Motivation in sport and exercise* (pp. 199-215). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Scanlan, T.K., Stein, G.L., & Ravizza, K. (1989). An in-depth study of former elite figure skaters: Sources of enjoyment. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 11, 65-83.
- Silva, C.M. (2006). *Amor incondicional? Suporte parental e estilos motivacionais em jovens atletas*. Dissertação de mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- Smith, R.E. (1986). Toward a cognitive-affective model of athletic burnout. *Journal of Sport Psychology*, 8, 36-50.

- Smith, R.E., & Smoll, F.L. (1997). Coaching the coaches: Youth sports as a scientific and applied behavioral setting. *Current Directions in Psychological Science*, 6, 16-21.
- Valles, M.S. (1999). *Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Vealey, R.S., & Garner-Holman, M. (1998). Applied sport psychology: Measurement issues. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 433-446). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Weinberg, R.S., & Gould, D. (2003). *Foundations of sport and exercise psychology* (3rd Ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Weiss, M.R., & Bredemeier, B.J. (1983). Developmental sport psychology: A theoretical perspective for studying children in sport. *Journal of Sport Psychology*, 5, 216-230.
- Wuerth, S., Lee, M.J., & Alfermann, D. (2004). Parental involvement and athletes' career in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 5, 21-33.

**ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
PARA CRIANÇAS E JOVENS (EAP-CJ)**

Identificação do Psicólogo _____

Data da realização da entrevista: ____ / ____ / _____

Tempo de duração da entrevista: _____ minutos

INFORMAÇÃO DEMOGRÁFICA DO(A) ATLETA

Nome _____ Idade ____ Nº de Irmãos ____

Clube _____ Tempo de presença neste clube ____ ano(s)

Modalidade _____ Tempo de prática desportiva ____ ano(s)

Escalão actual _____ Quais os escalões em que participaste neste clube? ____

Posição/posto específico – Especialidade desportiva/competitiva _____

Principais provas/competições disputadas

Torneios/Encontros ____ Campeonato/provas regionais ____

Campeonato/provas nacionais ____ Campeonato/provas internacionais ____

Outras (Quais?) _____

Principais títulos e classificações obtidas

Campeão regional ____ Campeão nacional ____ Campeão internacional ____

Outros (Quais?) _____

Número de **internacionalizações**: ____

Ano escolar actual: ____ Já **reprovaste** de ano? Sim ____ Não ____

Nome do **pai** _____ Idade _____

Habilitações literárias _____ Profissão _____

Nome da **mãe** _____ Idade _____

Habilitações literárias _____ Profissão _____

Condição actual dos pais: Casados ___ Divorciados ___ Viúvo ___ Viúva ___

Morada _____

Código postal _____ / _____ Localidade _____

Contacto _____

AVALIAÇÃO DO CLUBE, MODALIDADE E TREINADOR

1) Como é que **decidiste** vir para este clube/modalidade?

- a) Foram os pais que falaram e incentivaram a vir para o clube _____
- b) Foi pelo prestígio, fama e conhecimento do clube / modalidade _____
- c) Foi por ouvir ou ver na comunicação social _____
- d) Foram os/as amigos(as) que falaram e incentivaram a vir para o clube _____
- e) Foi por um convite do clube ou do treinador(a) _____
- f) Foram outros familiares (ex: irmãos, tios, etc.) que falaram e incentivaram a vir para o clube _____
- g) Outra razão. Qual? _____

2) O que mais gostas e menos gostas no **clube**?

Mais: _____

Menos: _____

Há alguma coisa que gostavas de **mudar** no clube? Não ___ Sim ___ O quê? _____

3) O que mais gostas e menos gostas nos **treinos**?

Mais: _____

Menos: _____

Há alguma coisa que gostavas de **mudar** nos treinos? Não ___ Sim ___ O quê? _____

4) O que mais gostas e menos gostas nos **torneios/competições**?

Mais: _____

Menos: _____

Há alguma coisa que gostavas de **mudar** nos torneios/competições? Não ___ Sim ___

O quê? _____

5) O que mais gostas e menos gostas no teu **treinador**?

Mais: _____

Menos: _____

Há alguma coisa que gostavas de **mudar** no treinador? Não ___ Sim ___ O quê? _____

EXPERIÊNCIA DESPORTIVA E PERCEÇÃO DE COMPETÊNCIA

6) Divertes-te nos **treinos**? Muito ___ Mais ou menos ___ Nada ___

7) Divertes-te nos **torneios/competições**? Muito ___ Mais ou menos ___ Nada ___

8) Como achas que **és** nesta modalidade?

Bom ___ Mais ou menos ___ Fraco ___ Porquê? _____

9. Queres **ser melhor** que os teus colegas ou isso não importa?

Ser melhor ___ Não importa ___ Porquê? _____

APOIO FAMILIAR

10. Os teus pais **apoiam-te** e **gostam** que pratiques este desporto?

Sim ___ Mais ou menos ___ Não ___

11. Comparando o teu pai e a tua mãe, qual deles te apoia mais, ou é igual?

Pai ___ Mãe ___ Ambos ___

12. Gostavas que eles te apoiassem mais? Sim ___ Não ___

13. Os teus pais costumam **assistir** aos teus treinos e torneios/competições?

Sim ___ Não ___ Às vezes ___

14. Comparando o teu pai e a tua mãe, qual deles vem mais vezes, ou é igual?

Pai ___ Mãe ___ Ambos ___

15. Gostavas que eles viessem assistir mais vezes? Sim ___ Não ___

16. Os teus pais costumam **falar contigo** sobre como correram os treinos e os torneios/competições?

Sim ___ Não ___ Às vezes ___

17. Comparando o teu pai e a tua mãe, qual deles fala mais contigo sobre isso, ou é igual?

Pai ___ Mãe ___ Ambos ___

18. Gostavas que eles falassem mais vezes? Sim ___ Não ___

19. Os teus pais costumam dar-te **conselhos** ou ideias acerca de como deves treinar e jogar/competir?

Sim ___ Não ___ Às vezes ___

20. Comparando o teu pai e a tua mãe, qual deles te dá mais conselhos ou ideias, ou é igual?

Pai ____ Mãe ____ Ambos ____

21. Gostavas que eles te dessem mais conselhos? Sim ____ Não ____

STRESSE E PERCEPÇÃO DE AMEAÇA

22. Como te **sentest** quando não jogas/competes bem ou quando não jogas/competes?

23. Achas que os teus **pais** gostam menos de ti quando não jogas/competes bem ou quando perdes o jogo/competição? Sim ____ Não ____ Porquê? _____

24. Achas que os teus **amigos** gostam menos de ti quando não jogas/competes bem ou quando perdes o jogo/competição? Sim ____ Não ____ Porquê? _____

25. Achas que o teu **treinador** gosta menos de ti quando não jogas/competes bem ou quando perdes o jogo/competição? Sim ____ Não ____ Porquê? _____

26. Tens medo de te **magoar** nos treinos ou nos jogos/competições? Sim ____ Não ____

27. Como é que te sentes quando **falhas** ou cometes um erro nos treinos e torneios/competições? _____

28. Quando pensas neste desporto, que situações ou problemas te costumam **preocupar** mais? Costumas ter **receio/medo** de alguma coisa? _____

Referência completa deste trabalho:

Gomes, A.R., & Cruz, J.F. (2007). Avaliação psicológica de atletas em contextos de formação desportiva: Desenvolvimento de um guião de entrevista para crianças e jovens. In J. F. Cruz, J. M. Silvério, A. R. Gomes, & C. Duarte (Eds.), Actas da conferência internacional de psicologia do desporto e exercício (pp. 82-99). Braga: Universidade do Minho.